

**Ata da 75ª Reunião do
COMITÊ MUNICIPAL DE MUDANÇA DO CLIMA E ECOECONOMIA**
Degração

Dia 24 de setembro de 2019, às 9h30, na UMAPAZ

Av. Quarto Centenário, 1268 - Parque Ibirapuera - Portão 7A - São Paulo – SP

PAUTA

Expediente:

- Leitura e aprovação da Ata da 74.^a Reunião realizada em 27/08/19
- Informe sobre o Plano de Ação Climática do Município de São Paulo
- Informes gerais
- Sugestões para inclusão nesta Pauta

Ordem do Dia:

- Apresentação: “**A dimensão social das mudanças climáticas na perspectiva da comunicação de riscos**”, pela jornalista Cilene Victor, Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo e professora da Faculdade Paulus de Comunicação - FAPCOM.
- Apresentação: “**Encíclica Laudato Sí, quatro anos de cuidado da casa comum**”, pelo engenheiro civil Igor Bastos, Gerente do Programa Movimento Católico Global Pelo Clima no Brasil.
- Perguntas e debate aberto

Sugestão de inclusão em outras Pautas

Laura Ceneviva (Secretária Executiva) – Saudou a todos presentes à reunião do Comitê de Mudanças do Clima e Ecoeconomia, de 24 de setembro. Dando início à nossa pauta primeiro colocou à aprovação dos membros a Ata da 74.^a reunião, que foi realizada em 27 de agosto passado e que nós enviamos a todos por e-mail. Alguém tem algum reparo a fazer? Não? Então, é considerada aprovada. Em seguida, vou fazer um informe sobre o Plano de Ação Climática do Município de São Paulo, como a gente sempre tem realizado. O Plano está em curso. Nós já tínhamos finalizado o Inventário, aí os dados foram enviados para o escritório da rede de cidades internacional C40, em Londres e a C40 tem um sistema baseado no sistema do Banco Mundial e esse sistema, denominado *Pathways*, ele, a partir de dados de entrada, que começam naturalmente com PIB e população, mas também outros derivados da ação governamental, vários indicadores, esse sistema faz uma

projeção para os horizontes temporais que a gente determinou para o Plano de Ação Climática, que são 2030, 2040 e 2050. Para aqueles que nunca ouviram falar disso, o Plano de Ação Climática pretende zerar as emissões de carbono até 2050 no Município de São Paulo, bem como indicar as estratégias de adaptação aos impactos da mudança do clima que já podemos ver esses impactos acontecendo. Evidentemente, são muitos os Governos que têm daqui até 2050 e claro que esses Governos vão ter as suas posturas com relação àquilo que deva ser feito, mas o Plano de Ação Climática em elaboração é o primeiro esforço da Administração Municipal no sentido de dizer para a sociedade o caminho que provavelmente nós vamos trilhar. Amanhã e depois de amanhã, com o Grupo de Trabalho Intersecretarial da Prefeitura, mais uma série de instituições convidadas, nós vamos tomar contato com aquilo que a C40 preparou como cenários de emissão, tanto aqueles cenários que são tendenciais, isto é, aquilo que a gente emite hoje provavelmente vai continuar inercialmente até 2050. Aí, acrescenta-se um outro cenário que é: se a gente implementar as diversas políticas setoriais que já estão planejadas, a gente vai ter um abatimento nessas emissões. Depois disso, ainda sobra um terceiro e eventualmente um quarto e um o quinto cenário, que é essa situação inercial em 2050, abatida a emissão que as políticas implementadas vão possibilitar, ainda sobram emissões. Como nós acabar com essas emissões? E esse debate vai ser travado inicialmente amanhã e depois de amanhã. Não significa, evidentemente, que uma coisa tão complexa dessa natureza vai se resolver em dois dias, mas esses dois dias são um marco fundamental para que aquilo que nós temos que fazer enquanto plano de ação vai sinalizar. Nós vamos ter que tomar uma postura aqui. É uma postura que é técnica e será também política, na composição do Plano de Ação. Essa fase é uma fase em que houve pouca interação com as instituições que compõem o Grupo de Trabalho Intersecretarial, porque ela precisou primeiro da realização do Inventário - que era uma atividade que a Secretaria do Verde estava fazendo. Depois precisou do estudo que a própria C40 fez. Nós realizamos ainda neste mês que passou reuniões setoriais para ter uma discussão prévia sobre esses cenários de emissão com praticamente todas as Secretarias e também com mais - eu não sei são vinte e quatro ou trinta e duas, não lembro direito - instituições de fora para preparar o debate que vai acontecer amanhã e depois. Esse é o estado em que está o Plano de Ação Climática. Ah, sim, tem mais uma outra novidade, que é a Secretaria de Relações Internacionais é a Coordenadora Geral e nós fazemos a Coordenação Técnica e a nossa página ela tem um setor dedicado às questões da mudança do clima. A nossa Assessoria de Comunicação está preparando - e deve, talvez, até o final dessa semana - já existir no site da Prefeitura um lugar dedicado a acompanhar a elaboração do Plano de Ação Climática, o que faz com que qualquer pessoa aqui ou em Pequim digite lá o plano de Ação Climática e chega informações que vão marcar o andamento dessa elaboração. Isso é uma coisa muito importante porque a gente já começa a alimentar sociedade com esse tipo de informação. Com relação à elaboração do Plano de Ação Climática são esses os informes. E agora pergunto aos Senhores membros se alguém tem alguma informação que gostaria de fazer, algum comentário, alguma sugestão. Não? Está bom. O Secretário Ricardo lembrou a Secretaria de Relações Internacionais de fazer o informe do evento com o Banco Mundial que ocorreu na semana passada

Marina - Secretaria de Relações Internacionais – Entre os dias 16 a 20 de setembro São Paulo sediou o evento Catalisando Futuros Sustentáveis, do Banco Mundial da Plataforma Global de Cidades Sustentáveis e recebemos representantes de Governos locais de diversos países dos cinco continentes do mundo e de organizações da sociedade civil também. Na segunda e na terça nós tivemos Academias de cidades, que são como se fossem workshops aqui na UMAPAZ. Foram três Academias que ocorreram ao mesmo tempo na segunda e na terça; havia cerca de cem pessoas, o público estava bem variado. E uma dessas Academias foi sobre ação climática e foi feita pela C40, inclusive contou com a participação da Laura. Na quarta-feira foi a abertura do evento, que ocorreu no auditório da Bienal e lá nós tivemos mesa de Prefeitos, tivemos uma representação grande de Prefeitos. Veio a Vice-Prefeita de Paris, o Governador de Abidjan, Prefeitos nordestinos estavam em peso, tinham Prefeitos da região Norte também. E aí na mesa, o Prefeito Bruno Covas abriu o evento e lançou a Declaração de São Paulo, que foi feita pela cidade de São Paulo em conjunto com o Banco Mundial. A gente pode compartilhar o documento com vocês, que fala sobre a defesa da biodiversidade e pretende engajar os Governos locais no combate às mudanças climáticas e a desigualdade social. A gente fez uma discussão sobre esse documento e aí fizemos uma contraproposta para o Banco Mundial, foi acatada

e no evento ele foi publicado. Agora ele é público e a gente vai chamar outros Prefeitos a aderirem a essa Declaração de São Paulo. Ainda na quarta-feira, a gente teve o prêmio Cidades Sustentáveis do Programa Cidades Sustentáveis, que é parceiro. É quase a mesma instituição que é a Rede Nossa São Paulo e na ocasião, a Prefeitura de São Paulo ganhou o Prêmio de Acessibilidade Digital. Foi uma política da Secretaria de Pessoas com Deficiência que foi submetida. Na quinta-feira e na sexta, nós tivemos diversos painéis. O evento era aberto ao público, então era só se inscrever, então a gente teve muitos representantes da cidade participando. A gente teve em painéis representantes da Secretaria de Habitação, da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, da Secretaria de Mobilidade e Transporte, da Secretaria de Desenvolvimento Urbano. As discussões foram muito ricas e a quinta-feira ocorreu na Bienal. Na própria quinta, o evento foi encerrado e na sexta nós fizemos visitas técnicas com mais ou menos cem pessoas, cem delegados que vieram para o evento. Aí nós visitamos o Parque Linear Canivete - foram umas vinte e seis pessoas e técnicos do Verde guiaram a visita. Nós visitamos o Complexo Habitacional Júlio Prestes, que fica na Luz, que é uma parceria público-privada. A gente foi também num produtor local do Ligue os Pontos, que fica em Parelheiros. O projeto Ligue os Pontos é um projeto financiado pela *Bloomberg Philanthropies*. E aí ele mostrou todo o plantio, o processo agroecológico que ele utiliza para a delegação e como Ligue os Pontos tem ajudado nessa produção, no aumento dessa produção. E também a gente visitou O *Mob Lab* e o *Fab Lab*. Quatro pontos das cidades nós realizamos essas visitas. Os delegados demonstraram uma satisfação muito grande em conhecer os projetos da cidade, entender os desafios e aí na própria sexta, nós encerramos o evento com uma avaliação bem positiva.

Laura Ceneviva (Secretária Executiva) – Eu também recebi um retorno muito positivo acerca do desempenho de São Paulo desses visitantes e até nem falei para o Ricardo nem para ninguém, que é uma coisa de ontem para hoje, mas eu já vou emendar que o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, tendo tomado ciência daquela nossa parceria com o *Inter-American Institute for Global Change Research*, aquele que eu fui em Santiago e depois Montevideú, que a sede é em Montevideú. A gente está preparando um capítulo de livro e a hora que eles viram o que nós temos escrito para esse livro, que provavelmente vai ser publicado agora lá na COP, eles ficaram muito interessados em conhecer melhor e produzir um material sobre São Paulo para usar nos sistemas de cooperação daquilo que eles chamam de Global South, que são os países do hemisfério sul e sobe só um pouquinho acima, pegando Índia, Sudeste Asiático e China. Então, é um dobramento recente da importância de São Paulo para o mundo. Alguém lembrou de mais algum informe?

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) – Perguntou como está a capacitação dos técnicos?

Laura Ceneviva (Secretária Executiva) – A Academia de Roterdã. É o seguinte, as pessoas não sabem. Com a parceria do C40, nós fizemos a parte relativa à mitigação, que é uma capacitação na metodologia de cálculo de emissões, fizemos o Inventário, o que é uma situação rara. Não é comum as turmas próprias das cidades serem capazes de fazer o Inventário - isso é bem incomum - e agora tem a questão da adaptação. Para adaptação, a C40 oferece aquilo que é chamado Academia de Roterdã, que fica em Roterdã o centro da C40 para estudos de adaptação e uma equipe da Prefeitura deve ficar uma semana lá em Roterdã estudando aquilo que eles têm lá, que é o centro do conhecimento em adaptação do C40. Está em processo de verificação como é que isso vai ser realizado. Vamos passar para o próximo ponto: sugestão para inclusão nesta pauta. Alguém tem alguma sugestão?

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - É que algumas pessoas fizeram uma observação e eu queria só esclarecer. É o seguinte: aqui ao lado está ocorrendo uma capacitação de todos os engenheiros florestais, biólogos, agrônomos da Prefeitura com relação à questão da arborização urbana. Acho que é importante informar, porque quando a gente fala do Plano de Ação Climática, o pacote da Prefeitura, ou seja, a Prefeitura de São Paulo colocou como meta para o ano que vem várias ações, vários Planos. O Plano de Ação de Mudanças Climáticas para 2050 é uma tarefa que nós vamos precisar entregar até junho. Tudo isso que a Laura rememorou das tarefas, como está, que semana que vem nós vamos ter reunião... tudo isso, a gente espera ou... nós temos que entregar em junho de 2020 o nosso Plano de Ação Climática para a cidade de São Paulo. Isso é um

compromisso internacional porque a gente faz, tal e a gente não vê nada o que está acontecendo e é importante que todo esse esforço de reuniões, de trabalho, de dedicação, viaja para lá, vai para cá, faz isso, tem que ter alguma coisa. A nossa proposta e o projeto Perfeito é que isso esteja entregue até 2050. Do mesmo jeito que essa turma aí está com a tarefa de cumprir o Plano Municipal de Arborização Urbana da cidade, que por incrível que pareça a cidade de São Paulo não tem um plano de arborização. Também é uma outra tarefa que está no compromisso de metas para a gente executar. Eu estou colocando isso só para linkar os Senhores que tem várias coisas acontecendo, inclusive em cada Secretaria, mas no caso da agenda em que nós como Verde estamos meio que articulando, coordenando, mexendo a máquina e tal, nós temos aí alguns Planos: nós temos o PLANPAVEL, que também está em curso, um Plano de Áreas Verdes Protegidas e Espaços Livres. É que está lançado também, tanto é que semana passada vocês devem ter visto na imprensa que a Prefeitura de São Paulo está fazendo uma pesquisa nos parques para ver qual é a sensação das pessoas. Enfim, já tem uma discussão aí andando também com relação à questão do PLANPAVEL. É só para contextualizar os Senhores porque às vezes não estão no dia a dia, não sabem um pouco do que está sendo trabalhado. Do mesmo jeito que a gente está fazendo um esforço para o Plano de Ação, nós temos outros Planos que a Municipalidade terá que apresentar até o ano que vem e o de Ação Climática com certeza é o que tem mais externalidade, ou seja, o que a gente está mais provocando todas as Secretarias e também a colaboração externa. É só para dar uma ajustada na linguagem. Obrigado.

Laura Ceneviva (Secretária Executiva) - Obrigada, Ricardo, é verdade isso e outros Planos subsidiam o de Ação Climática. Depois, o último item da pauta do nosso expediente é de sugestões para inclusão nesta pauta. Eu tenho uma que não é exatamente uma inclusão, é meio que um informe. Nós tínhamos preparado a pauta de hoje com duas colaborações e um deles, a segunda, que era aquela sobre Encíclica Laudato si' - quatro anos de cuidado da casa comum, o engenheiro Igor Bastos, que é o Gerente do programa Movimento Católico Global pelo Clima no Brasil, ele teve um problema em família e não pode vir. Hoje nós vamos poder contar apenas, e graças a Deus, com uma apresentação. O informe é da ausência dessa pessoa, que com a Cilene, a professora Cilene Victor que se aceceu ao nosso convite, a gente procuraria debater de um outro modo a questão da comunicação. Nós já tivemos aqui a participação de outras pessoas que trouxeram a questão da mudança do clima sob a perspectiva da comunicação, mas particularmente a questão cultural. O que é risco para mim não é necessariamente risco para o outro e vice-versa. A percepção da questão da mudança do clima, ela é uma questão cultural também e hoje nós contaremos com a apresentação da dimensão social das mudanças climáticas na perspectiva da comunicação de riscos. E a questão dos riscos traz para a sociedade, as pessoas ficam alteradas, elas não percebem, não conseguem raciocinar, então a jornalista Cilene Victor, que é professora titular do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo e professora da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação - FAPCOM -, já foi professora da Cásper Líbero, enfim, é uma jornalista com muita experiência nessa questão da comunicação e particularmente nessa situação em que as pessoas começam a ficar mais alteradas. A gente precisa de compreender como levar os conteúdos da mudança do clima e a professora aceceu a esse convite e veio trazer a contribuição dela para a gente. Convido a professora Cilene Victor a se aproximar...

Laura Ceneviva (Secretária Executiva) - Cilene. Por favor, seja muito bem-vinda, a palavra é sua.

Apresentação: “A dimensão social das mudanças climáticas na perspectiva da comunicação de riscos”. (o áudio do microfone da palestrante ficou muito baixo e prejudicou toda sua fala. Consultar a apresentação no hiperlink).

Laura Ceneviva (Secretária Executiva) – Muito obrigada, Cilene, pela sua apresentação, trouxe muita informação, muita reflexão diferente. Abro a palavra aos membros do Comitê, se quiserem endereçar perguntas. O Secretário Adjunto de Habitação precisou ir embora, mas elogiou a sua apresentação. Como mandamos sempre para todos os membros do Comitê (inaudível). Abro a palavra aos presentes. Alguém quer fazer alguma pergunta? Eu quero. Foi pena, porque foi agora no final você identificou os quatro modelos de comunicação. Nós estamos, por exemplo, agora fazendo esse Plano de Ação Climática.

Um Plano de ação dessa natureza ele não pode se ater à forma de comunicação estritamente institucional. Eles têm que ter uma linguagem não vou nem dizer popular, mas uma linguagem de maior capilaridade, vamos dizer assim, na cultura das pessoas. Ao mesmo tempo, não pode deixar de ser minimamente consistente tecnicamente. Qual a sua sugestão para a nossa retórica?

Laura Ceneviva (Secretária Executiva) - Eu até tendo a discordar de você e não quero polemizar. Outras pessoas já pediram a palavra, mas só para ficar, vamos dizer assim, por exemplo eu - e tem outra colega aqui no plenário também fez isso - eu conheço o Jardim Peri desde o começo dos anos 80. Eu sei bem o que é aquilo. Já amassei muito barro na vida e, por exemplo, na medida em que a gente está falando de um Plano de Ação Climática, essa população sofrida a que você refere ela é uma externalidade negativa e sempre (ininteligível) diminuir, mas assim, do modelo de desenvolvimento. É disso que se trata e na hora que a gente faz um Plano de Ação Climática, a gente procura tratar dentro da lógica da mitigação e da adaptação os eixos principais desse modelo, que gera a questão climática e que a gente tem que atacar. Eu particularmente tendo a achar que um Plano de Ação não vai ter essa comunicação que você referiu e nem ela é necessária dentro do Plano de ação, mas a ação do território, decorrente deste Plano de Ação, sim. Essa tem que conversar e não adianta fazer cartilha. Eu entendo isso. Eu sei também - aí eu não sei se vocês, os membros aqui, sabem. Por exemplo, no combate à (ininteligível) da Serra do Mar, essa conversa com a população levou, por exemplo, à compreensão pela população do risco e eu conheço geólogo daquelas equipes dos escorregamentos históricos da Serra do Mar que me contou que ele chegou, ia ter um escorregamento, eles foram lá para fazer a remoção daquela população e quando ele chegou lá tinha uma folha de jornal espetada assim no barranco com o indicativo de legenda de mapa de risco dizendo identificando, ou seja, a população assimilou não só os conteúdos do risco, mas até a linguagem, então é possível, sim, fazer isso e é útil fazer isso. A população ela mesma se defende, mas eu disse que eu tendo a discordar porque o Plano de Ação ele, em tese, ele não precisa endereçar essa questão de comunicação, mas sim aquelas necessárias ao modelo de desenvolvimento e agora também não tenho a menor discordância de que na hora que você vai enfrentar uma situação de risco ou de desastre você tenha que ter comunicação direta e objetiva com a população na linguagem dela. É por isso até que a gente tinha o outro convidado, que infelizmente não pode vir, porque é uma outra forma de abordar a questão da comunicação com a população. A Andrea se inscreveu.

Andrea Franklin (SIURB) - Andrea, SIURB. Na verdade, a gente sai depois de ouvir tudo isso, fica meio entalado. Você pergunta: você quer falar? Eu falo: o que falar? Falar as mesmas coisas que a gente fala e fica tentando achar algo que nos dê esperança para continuar. Duas coisas: quando você fala em comunicação e que a cartilha não funciona e talvez o pé na lama e o olho no olho melhora, ainda assim, o que falar para a população quando você sabe que ela tem que sair, mas você não tem o que oferecer? Que é o que muitas vezes a gente passa. A gente tem que fazer determinadas intervenções, mas você não tem uma solução que é a melhor a médio prazo, a curto prazo. Você tem muitas vezes a longo prazo, que são os nossos Planos, os nossos planejamentos de conseguir reassentar esse universo de pessoas, um mundo de pessoas que estão em locais que não deveriam estar. Para nós, é um dilema quem tem que implantar obras. Muitas vezes, a gente descarta obra por não ter a solução. Você tem que escolher dois empreendimentos. Você fala: essa aqui passa em comunidade? Esse não passa. Você tem solução para esse que passa em comunidade? Talvez não, então esse vai ficar mais para frente e você vai adiando um benefício para uma área da cidade que poderia estar recebendo se tivéssemos - de novo - ações multidisciplinares com as Secretarias, integradas, como a gente tem tentado fazer, mas que tivesse outras condições também de oferecer. E daí vem recursos e vem terra em São Paulo, que é uma questão caríssima de resolver. Como é que a gente reassenta muitas pessoas num curto prazo de uma gestão, às vezes de um período de quatro anos que você não consegue fazer. Então, como lidar com tudo isso? E aí para que a gente não perca a esperança ou tenha alguma, eu queria ouvir se você tem exemplos do que deu certo em termos de comunicação de risco e que virou na prática uma boa solução, uma boa alternativa para a gente tentar seguir.

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Doutora Cilene, primeiro eu não estou incomodado não. Pode ficar tranquila que eu, nesse sentido...Aliás, a Senhora fez uma apresentação com muita informação e aí a gente digerir esse monte de informação, a gente

fica...Bom, o que que a gente tira, o que a gente pode discutir, o que que a gente pode extrair desse seu conhecimento, que eu acho que essa é a razão da sua presença no nosso Comitê e aqui me faz algumas reflexões. Primeiro, a mídia, notícia...Semana passada, nós fizemos um evento de cidade sustentável e eu tenho o papel, inclusive, como todos os Secretários da cidade, nós recebemos todas as notícias do que corre na cidade. O volume de notícias com relação a esse evento não foi o suficiente em relação, por exemplo, à matança da criança que aconteceu na escola do CEU. Enfim, algumas outras ocorrências que nós tivemos durante a semana e que chamou mais a atenção da notícia e nesse sentido, eu acho que a questão climática, a notícia é sempre o desastre. E como fica essa notícia, o quanto ela vai gerando de informação. Acho importante que o papel da comunicação quanto mais ela bate em cima do assunto, mais ela multiplica essa onda. E às vezes eu não sei se perde o interesse dessa notícia ou desse assunto e a gente como executor precisa estar gerando toda hora alguma coisa para que essa notícia seja multiplicada. Por exemplo, nós, na Prefeitura, no caso mais especificamente na questão ambiental, a gente nessa agenda a gente tem tentado sempre promover todas as ações, primeiro, com o conceito científico - isso é importante. A gente tem respeito a que, por exemplo, a questão climática hoje, a questão da mudança climática não é uma questão política, é uma questão científica. Não é uma discussão. Ideológica está sendo quem está não assumindo os compromissos. Se a gente tivesse se baseado apenas no conhecimento científico, não haveria dúvida de que a gente deveria continuar cumprindo todos os acordos internacionais que a gente assumiu. Infelizmente, por ideologia alguém resolveu que não vai seguir, só que cientificamente sabemos que precisamos seguir, ou seja, há uma postura primeiro de reconhecer o conhecimento, a ciência e que a gente deve continuar nesse movimento. A notícia ela entra como um agente de comunicação para mobilizar a sociedade, para estabelecer conhecimento. Por exemplo, a Senhora lembrou muito bem e me trouxe aqui o assassinato da menina ontem da Ágatha. Ninguém nunca tinha ouvido falado do projeto de lei do Moro que está no Congresso, da lei, do artigo 25 do excludente lá. Virou uma polêmica agora exatamente porque tivemos um caso e com certeza vai mover uma discussão no Congresso, se tira o artigo, se não cria. Esse fato gerou a notícia, tem um fato, houve a notícia, comunicou, criou uma grande mobilização da sociedade. A sociedade se mobilizou e está tendo reações em relação a isso. Eu entendo que na questão climática nós precisamos ter várias Gretas. Eu estive sexta-feira num movimento do MASP e vi só crianças lá falando sobre climas e fica aquela coisa, ou seja, qual é a forma que a gente precisa colocar dessa questão da mudança climática. A Greta ontem falou: vocês estão fabricando, vocês estão com um discurso que não atende a minha geração, o meu futuro. Qual é a estratégia que a gente usa com relação a essa questão de criar, por exemplo, esse Plano de Ação que nós estamos construindo para o ano que vem visando 2050, se não houver consciência política pública, não criar uma regulamentação, isso vai se esvaír pelo tempo, ou seja, como é que a gente faz essa comunicação adequada e para que ela seja constantemente. A Senhora relatou eventos de 1972. Eu sou da década de 70 e lembro de várias discussões quando estudante sobre a Amazônia, sobre Cubatão, deslizamento, quando Franco Montoro criou a Secretaria de Meio Ambiente por causa disso, quando teve a Jureia. Tem vários movimentos, que, aliás, em 88 nós tivemos a Constituição em que foi colocado o direito ambiental porque houve uma mobilização, ou seja, essa onda ela precisa continuar, ela precisa estar ativa. Eu acho que essa agenda de mudança climática e a Senhora foi muito feliz quando coloca a questão da migração nessa equação e se sente mesmo na pele. O nosso propósito é assim: vamos alertar, mas vamos apontar quais são as saídas. Por exemplo, a Defesa Civil é uma ponta importante. O papel da comunicação, o papel das articulações...A Senhora falou do Ipiranga este ano. Se a Senhora ver a quantidade de vítimas do que aconteceu do Ipiranga na cidade de São Paulo em relação a outras cidades, o volume de vítimas foi menor, porque teve uma capacidade de organização e tal. O que eu entendo é que a gente nessa estratégia de comunicação - e a comunicação é fundamental nesse sentido. A gente pegar o fato, alarmar, decidir e continuar com alguns movimentos. E aqui eu queria só finalizar lembrando os desastres da Vale em Mariana, com dezenove mortos e em Brumadinho, onde 320 pessoas morreram. Se a comunicação tivesse batido com afinco logo com os dezenove, nós teríamos evitado a perda de 320 vidas. Nós esquecemos a notícia e a notícia sobre a situação de Brumadinho já parou este ano, Brumadinho foi esquecida. Só voltou à tona agora de novo quando a Polícia Federal incriminou os engenheiros, as empresas e tal. A notícia ela vai

em cima do que acontece, agora não é a pauta. A pauta nossa é uma loucura, então eu queria fazer uma consideração, primeiro: o que que a gente deve comunicar? Por favor.

Laura Ceneviva (Secretária Executiva) - Nós temos outras pessoas inscritas, mas como a gente está em cima do tempo, vamos fazer em bloco, endereçar a pergunta. Cadê a Ane? Ah, já foi a Ane. É o Hassan. Hassan, por favor, fala aqui no microfone?

Hassan Barakat (CGE) - Na verdade (*peças falam ao fundo*). Queria parabenizar a sua apresentação, Doutora Cilene e também aproveitar que o Secretário Ricardo lembrou sobre os dados que você apresentou para nós seria um deleite aproveitar mais esse tempo tão escasso e tão curto no qual você apresentou. Eu queria só pontuar algumas coisas. Meu nome é Hassan, eu sou do Centro de Gerenciamento de Emergências Climáticas da cidade de São Paulo. Sou vinculado à Secretaria da SIURB. Nós monitoramos todas essas questões climáticas aqui na cidade de São Paulo, tanto chuva quanto temperatura baixa, umidade relativa baixa também. Temos junto com a Defesa Civil, vários Planos preventivos para cada situação dessa e um banco de dados fantástico. Você disse em dado momento sobre os números que você apresentou, que você foi interrompida por um professor e dizendo o seguinte: olha, na realidade esses números são muito maiores e aí você apresentou o caso da menina que foi soterrada por um deslizamento no M'Boi Mirim, não me engano. Na cidade de São Paulo, para entrar na sua estatística, pelo que entendi tem que ter calamidade pública ou um estado de emergência, mais ou menos isso. Aqui na cidade de São Paulo você nunca vai ver isso, porque existe uma regra para se fazer isso, ou seja, para se colocar calamidade pública na cidade de São Paulo, isso significa que São Paulo não tem capacidade financeira ou de pessoas para poder atender aquela ocorrência. Isso nunca vai acontecer aqui em São Paulo, porque sempre são coisas muito pontuais. Nós temos os estados de criticidade aqui para cada evento que são estados de atenção, alerta e alerta máximo e o alerta máximo na cidade de São Paulo corresponde à calamidade pública - não chegamos a esse ponto. Aliás, no Governo Marta teve um pontual, de forma equívoca na região do Aricanduva, se eu não me engano, que não poderia ter sido feito daquela forma. Nós temos esse trabalho há vinte anos na cidade de São Paulo e somos referência para isso. Hoje os nossos dados servem de referência para os trabalhos do IPT, do IG, inclusive nós temos monitorado na cidade de São Paulo...O último levantamento que nós temos acesso, que é de 2010, do levantamento que o IPT fez das áreas de risco de escorregamento na cidade de São Paulo, isso tem mapeado em radar e nós monitoramos isso a cada 72 horas emitindo alerta por cada regiãozinha dessa que foi levantada. Ou seja, na cidade de São Paulo dificilmente alguém vai morrer por conta de escorregamento, ou seja, o trabalho que a Defesa Civil tem feito quando a gente fala como que essa informação tem que chegar, nós temos uma experiência muito interessante nisso, que é usar a mídia, que é justamente o que nós estamos trabalhando isso e o CGE, quando começa a chover, ele se torna referência na cidade de São Paulo e automaticamente os principais rádios, TV, abrem canais para que os técnicos falem e usamos bastante também a rede social. Isso tem dado um retorno muito interessante, além da comunicação via WhatsApp com todos os integrantes do grupo preventivo da Defesa Civil da cidade de São Paulo. Além disso, a Defesa Civil faz um trabalho aqui na cidade de São Paulo junto às comunidades que são os NUDECs, os Núcleos de Defesa Civil, que lamentavelmente isso parece que está se perdendo. A gente não tem visto que essa ação da Defesa Civil da cidade de São Paulo tenha avançado e não está avançando, infelizmente. Mas o que é interessante é que esse trabalho que a gente desenvolve hoje na cidade de São Paulo, quando começa a chover as principais rádios começam a abrir e a gente começa a falar muito sobre isso, por quê? A gente acha interessante porque isso é uma notícia que vende, infelizmente. Quando vocês ouvem a voz do nosso meteorologista, o Nazário, o Michel Pantera ou até mesmo às vezes eu entro também para falar, eu costumo dizer que nós somos mensageiros do apocalipse porque quando a gente começa a falar, é porque alguma desgraça está acontecendo na cidade de São Paulo. A nossa dificuldade maior na verdade é como fazer essa informação chegar para quem interessa de fato. Quando a gente fala que na região aqui mais próximas ao Centro, que as pessoas estão transitando de carro para lá e para cá e estão com o rádio ligado no carro, eles conseguem ouvir e sabem o que está acontecendo, porém aqueles que moram lá na área de escorregamento essa informação eu acredito que não chega. Aí é essa a nossa dificuldade e a minha pergunta é justamente essa. Como que a gente consegue fazer com que essa informação chegue, porque nós temos um trabalho em algumas

comunidades, ou seja, sirene, sino - a gente já fez isso -, mas a gente sabe que a cidade de São Paulo é muito maior (*voz ao fundo*) Foi ano passado. Sobre a questão do deslizamento também, a mídia só dá atenção para deslizamento a partir do momento que alguém morre. Eu achei interessante do fato da menina que ninguém noticiou, mas na cidade de São Paulo no período de chuva de novembro até meados de abril, nós temos, segundo relatos da Defesa Civil local, mais de cem deslizamentos sem vítima na cidade de São Paulo. A minha pergunta é justamente essa. Primeiro, para apresentar esse trabalho - e estamos de portas abertas se quiser nos visitar -, saber como fazer com que essa informação chegue lá na ponta, nas pessoas que moram em área de risco mesmo.

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Posso só aproveitar a sua fala para fazer uma pergunta, complementar a sua pergunta. Isso para mim é um bom exemplo de que você teve um desastre que teve poucas vítimas ou zero vítima, sucesso total e que isso precisa ser replicado e a pergunta é: a comunicação não aponta isso, não mostra isso, ela mostra só o que está acontecendo. Ela não ajuda a gente a mobilizar no sentido de falar assim: temos uma alternativa que é essa. Às vezes, a massificação bla, bla, bla, você tampa aqui que está sendo... ou positivo. Nessa equação é que a gente fica enfrentando. Aí você tem alguns canais de comunicação que são bacanas, abre, fala, mas tem uma capacidade e outro não abre e aí qual a estratégia?

Andrea Franklin – SIURB - Eu acho que tem uma falha - não sou da comunicação, mas fico pensando - talvez tenha uma falha da gente ter uma ação que deu certo certo na prevenção, mas a gente não divulgou. Por outro lado, o que que é divulgar uma mensagem de evitar um acidente quando você vai expor uma mazela da cidade? Na comunicação, como é que é isso? Eu não vou estar anunciando que eu construí habitação para aquelas pessoas. Eu vou sequer anunciar alguma coisa que os olhos da maioria é Ok. Eu vou anunciar só que eu evitei que ela morresse. Como abordar isso de uma forma que as pessoas entendam que é um benefício saber dessa informação? Pensando do ponto de vista da informação, como é que é essa dificuldade?

Laura Ceneviva (Secretária Executiva) - Muito obrigada Cilene pela sua apresentação, pelas suas contribuições. Queria saber só o texto. Acho que você não pôs referência na apresentação. O texto sobre os quatro modelos. Eu acho importante ler mais sobre isso daí. Obrigada a vocês, aos membros do Comitê que permaneceram. Foi uma pena que a Ane saiu e não deu para atender a pergunta dela, mas vou convidar para uma salva de palmas para a Cilene. Obrigada pela colaboração e você vê que usamos o tempo na sua integralidade. O último ponto de pauta é se alguém... se alguém tem alguma sugestão de inclusão de pauta nas próximas pautas? Tem? Olímpio.

Laura Ceneviva (Secretária Executiva) - O estudo...cenários de emissão minimizados a partir de um estudo de corredores que aumente a eficiência do sistema.

Laura Ceneviva (Secretária Executiva) - Olímpio, não é um estudo de corredores a ser implantado, mas é um estudo de operação do sistema. Está escrito operação, mas tudo bem. Você acaba de falar o que você vai falar.

Laura Ceneviva (Secretária Executiva) - Obrigada. Ricardo, quer falar alguma coisa? Não? Antes de encerrar a reunião, vou contar para vocês que eu estou me aposentando em função da insegurança jurídica que a gente está tendo com a Reforma da Previdência. Eventualmente vou continuar, mas isso ainda é um pouco incerto, então, no próximo mês acho que ainda não estarei com vocês, mas se Deus quiser, voltarei mais para frente.

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Ela vem com "ah, eu vou aposentar". Nós vamos fazer uma festa na sua aposentadoria porque você merece, mas lembrar que há um compromisso da gestão de que a Laura continue a coordenação desse trabalho e isso já está condicionado. Não tem nenhum risco. É que ela tirar quinze dias de descanso.

Laura Ceneviva (Secretária Executiva) – Saudou a todos e encerrou a reunião.

Membros do Comitê presentes à 75.ª Reunião do Comitê de Mudança do Clima em 24/09/2019

Olímpio de Melo Álvares Júnior – ANTP

Eduardo Francisco Fortes Debrassi – SEHAB

Fabio Franklin Storino dos Santos – SMIT

Carlos Eduardo Schad – SF

Leonardo Barbosa de Oliveira – SGM

Vanessa Lima Nunes Dias – SINDUSCON

Andrea Franklin – Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras (SIURB)

Marina Moraes de Andrade – SMRI

Magali Antonia Batista – Secretaria da Saúde

Laura Lúcia Ceneviva – CMMCE SP

Luiz Ricardo Viegas – SVMA

Outros interessados presentes:

Débora Cristina Santos Diogo – CMMCE /SVMA

Thiago Rodrigues da Silva – SVMA

Jane Zilda Ramires – CMMCE SP

Marta Emerich – CETESB

Lúcia Simoni – CPA/SVMA

Yamma Alves – SMS/PAVS

Vania Cristiane – SEHAB/DEPLAN

Mariana Malufe Spignardi – Urbanidade

Kaliane Santos Oliveira – PMSP/RI

Anne Dorothé Slovic – FSP/USP

Camila Acosta Camargo – Instituto Saúde e Sustentabilidade

Viviane Yuri Yoshino – CBCS

Suzete Taborda – SEHAB

Ana Lúcia Szajubok – SABESP

Maria Fernanda P. Garcia – CETESB

Deodoro Vaz – SVMA

Renata Burza Benini –

Nina Orlow ODS – SP

Marilda A. Terra – SVMA CPA